

A sagração da terra: ciência e ancestralidade em documentários sobre agroecologia¹

Denise TAVARES²

Resumo

Em um contexto marcado pela premência de mudanças que hoje contribuem para a destruição do mundo natural, a emersão do protagonismo da agroecologia encontra no documentário um canal potente de afirmação da sua proposta. Aqui, o objetivo é discutir as obras “As colheitas do futuro!” (2012) e “Sementes: bem comum ou propriedade privada?” (2017) que se estruturam em oposição ou resistência ao modelo hegemônico de prática agrícola atual. Para tanto, buscam apresentar a agroecologia, afirmando o diálogo com determinada área da ciência e a valorização das antigas tradições do cultivo da terra. Tais articulações implicam no texto problematizar os limites e possibilidades destas produções audiovisuais, no sentido de tentar demarcar suas contribuições (ou não) para o adensamento dos projetos a que aderem, considerando, em especial, a porosidade discursiva que envolve as questões ambientais (BONFIGLIOLI, 2006).

Palavras-chave: comunicação; agroecologia; documentário; ciência; ancestralidade

Introdução

No início de setembro de 2019, o vídeo “O que é Agroecologia?”, de 3 minutos, produzido pelo Movimento dos Sem Terra, o MST, um dos movimentos sociais mais consistente no Brasil contemporâneo e, talvez, um dos mais demonizado pela mídia³, venceu o Concurso Global de Vídeos da Juventude sobre Mudanças Climáticas – TVEBioMovies 2019, evento promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU)⁴. Obra dos jovens Rafael Forsetto e Kiane Assis, o curta-metragem tem como foco central mostrar como cerca de 150 famílias que vivem no assentamento do Contestado,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação Mídia e Cotidiano e do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. E-mail: denisetavares51@gmail.com

³ Trata-se de um dos movimentos sociais mais estudado e discutido no país, inclusive por sua longevidade, já que se consolidou a partir dos anos 1980, quando aderiu à estratégia de ocupação de terras improdutivas. Assim, além do próprio site do movimento (<https://mst.org.br/quem-somos/>) sugerimos, para se conhecer mais sobre o MST, “Combatendo a desigualdade social – o MST e a Reforma Agrária no Brasil”, de Miguel Carter (2010), dentre outras obras.

⁴ Informação Disponível em <https://mst.org.br/2019/09/11/filme-sobre-mst-e-agroecologia-ganha-premio-da-onu/> (Acesso em dezembro de 2019).

localizado no estado do Paraná, têm produzido alimentos saudáveis, pautadas pela adesão à Agroecologia, que definem como um movimento que não é só de agricultura, mas cultural”. O argumento é sustentado, de acordo com o vídeo, pelo fato de a agroecologia compreender que o cultivo sustentável de alimentos orgânicos provoca, intrinsecamente, o combate à mudança climática e coloca a necessidade de uma educação de qualidade para futuras gerações. O diagnóstico é coerente com a realidade do Brasil. Entre outros argumentos, porque é um dos países que mais consome agrotóxico no mundo: são cerca de 370 mil toneladas por ano, configurando um ciclo que vai da terra aos corpos dos consumidores, com consequências severas à saúde da população como um todo.

O vídeo do MST expõe, portanto, a oposição central que mobiliza o uso da terra no caso brasileiro, mas, sabemos, é extensível à quase totalidade do mundo. Assim, tem-se, de um lado, a chamada prática agrícola moderna, baseada no uso intensivo de agrotóxico e disseminação de sementes sob controle das grandes corporações (Andrades; Genimi, 2007), cujo marco é a “Revolução Verde”⁵, que ocorre a partir dos Estados Unidos da América (EUA) que a dissemina pelo mundo, em especial, nos países da América Latina, desde os anos 1940. E, como antagonista a esta prática, a agroecologia e similares que, ao negarem os princípios da agricultura hegemônica, sustentam suas argumentações buscando agregar valores culturais às suas práticas, em especial uma nova relação do homem com a terra e seu cultivo. Tais posições remontam à Alemanha de 1924, quando Rudolf Steiner cria a Antroposofia, um sistema filosófico educacional que propõe, também, a prática de uma agricultura alternativa, que ganha outras leituras durante o século XX, mas sempre pode ser entendida como “(...) um contramovimento ao domínio da lógica industrial de produção (BRANDENBURG, 2002, p.13).

Sob esta perspectiva é possível, em uma leitura algo esquemática, estabelecermos que o confronto entre a agroecologia (e similares) e a agricultura moderna, explícita, em maior ou menor medida, uma oposição entre o arcaico e o moderno, a tradição e o progresso, a cultura conservadora e a necessidade do desenvolvimento tecnológico. No entanto, é preciso observar que se trata de um movimento que embute eixos argumentativos com ênfases diferentes, o que demarca um campo diverso de justificativas. Situação que é sincrônica, a nosso ver, à dificuldade do movimento ecológico em sua amplitude e complexidade, se consolidar junto à população como um

⁵ Retomaremos o tema de modo mais detalhado na discussão sobre o documentário “As colheitas do futuro!”.

paradigma sólido, denso e impositivo em sua urgência, a despeito do reconhecimento geral da importância de se preservar o planeta (BONFIGLIOLI, 2006).

Considerando esse cenário, a proposta do artigo é discutir duas chaves argumentativas que se apresentam como afirmações da prática da agroecologia. A escolha das obras pauta-se por estas sustentarem suas narrativas em eixos que podem se aproximar, mas que também revelam projetos de políticas públicas e disputas simbólicas, entre outras diferenças. A investigação, que é parte de uma pesquisa mais ampla sobre documentário e meio ambiente⁶, se constitui sob a ideia de que a porosidade discursiva em torno da agroecologia, assim como ocorre no movimento ecológico, colabora para a dificuldade de se fraturar um imaginário que se consolidou fortemente desde a Revolução Verde. Assim, iniciamos com o documentário “As colheitas do Futuro” (2012), média-metragem de Marie Monique Robin, que apresenta diversas iniciativas agroecológicas pelo mundo e também dá voz a cientistas e organismos internacionais que confirmam a urgência do investimento mundial na agroecologia. Em seguida, focamos o curta “Sementes: bem comum ou propriedade privada?”, realizado em 2017 pelo Coletivo de Sementes da América Latina, e que tem como principal eixo argumentativo o que seu título aponta, isto é, a recuperação da posse das sementes originárias, em confronto às políticas estatais que delegaram às grandes corporações o papel de fornecer as sementes para o plantio em diversos países da América Latina.

Antes de iniciarmos as análises dos documentários, vale destacar que a história do movimento agroecológico, conforme Brandenburg (2002), que se inicia, como já citado, na Alemanha de 1924, encontra novo fôlego nos anos 1940, na Inglaterra e na França, em posicionamentos de contestação aos padrões industriais de produção e consumo de alimento. Já no Brasil é apenas nos anos 1970 que a agroecologia passa a ser assumida como alternativa à política agrícola deste período que, pautada pela Revolução Verde, corroborava um processo de exclusão ao não contemplar a agricultura familiar com subsídios governamentais e/ou “(...) outros serviços prestados por órgãos públicos destinados a orientar o agricultor, prestar serviços e fomentar infraestrutura de apoio no meio rural” (p.12). Em outras palavras, não se pode considerar a agroecologia como proposta única, mesmo que, em última análise, abrigue projetos que se expandem a partir

⁶ A pesquisa inclui dois projetos de Iniciação Científica, com bolsa CNPq, desenvolvidos por Filipe Pavão e Sasha Lima, a quem devo muitas informações presentes neste texto, além de ricas discussões da temática.

de motivações praticamente comuns, em especial em seu objetivo de reverter o processo de destruição da natureza.

“As colheitas do futuro”: tradição e ciência articuladas

Realizado pela jornalista francesa Marie Monique Robin o documentário “As colheitas do futuro” (52 minutos) busca reunir experiências em diversos pontos do mundo que investem na agroecologia em substituição à agricultura industrial. Ao contrário dos dois filmes anteriores que compõem a trilogia sobre contaminação alimentar realizada por Robin, cujos títulos são “O mundo segundo Monsanto” (2008) e “Nosso veneno cotidiano” (2010), ambos pautados por uma narrativa de investigação e denúncia, agora a jornalista constrói a narrativa tracejando uma espécie de *road movie* ambiental cujos protagonistas são apresentados conforme a relação que têm com a agroecologia. O procedimento acaba por assentar em lugares imaginários equivalentes, representantes de instituições como a ONU, cientistas de centros de pesquisa reconhecidos, lideranças de destaque mundial da agroecologia e anônimos camponeses. A opção narrativa é representada, simbolicamente, por uma grande bola de plástico que apresenta o mapa do mundo em versão colorida – remetendo, agora em versão positiva, ao globo utilizado por Charles Chaplin em “O Grande Ditador” (1940) – que é lançada de um entrevistado a outro, acionando a continuidade do filme.

Documentário que assume o ponto de vista da diretora que se apresenta apenas em *off*, funcionando como narradora, o filme se justifica, inicialmente, como um percurso cuja pretensão é dimensionar se realmente procede a afirmação hegemônica da necessidade absoluta do uso de pesticidas na agricultura pois não usar estes agrotóxicos implicaria – segundo os defensores desta prática - na imediata falta de alimentação mundial. A questão-mote que gera o filme é apresentada a partir de um debate televisivo realizado na França. Duas semanas após esta discussão que é incorporada ao documentário, a diretora-narradora vai à Genebra, na Suíça, entrevistar Olivier du Schutter, informante especial da ONU sobre o direito à alimentação. Sua posição, assim como a de todos os entrevistados, apresenta-se como testemunho, em enquadramento que remete ao jornalismo. Os argumentos de Shutter pautam-se pela afirmação da superioridade quanti-qualitativa da agroecologia e crítica incisiva à Revolução Verde, expressão que, como já colocado, traduz o processo de modernização agrícola iniciado desde o final dos anos 1940 que, sob o propósito de

ampliar a produção de alimentos, investiu em pesquisas de sementes mais resistentes às pragas e mais adaptadas aos diversos tipos de terra; na fertilização do solo com agroquímicos e na ampliação do uso de máquinas no campo. Tal programa de modernização da agricultura ia muito além de mudanças técnicas pois, desenvolvido por grandes corporações como Rockefeller e Ford implicava, principalmente, convênios intergovernamentais em que países em desenvolvimento como Índia, Brasil e México eram os principais compradores, alterando, sem questionamentos, seus processos tradicionais de produção (ROSA, 1998).

Portanto, para Schutter, é hora de mudar o rumo da agricultura mundial. Sua posição, afirma, alinha-se ao sonho de parte da comunidade científica que reconhece ser a hora de não investir mais na agricultura industrial e sim na agroecologia. Para confirmar tal tese, Robin, agora, vai buscar experiências que possam, de algum modo, corroborar o que ouviu do representante da ONU. A narrativa do documentário, então, buscará equilibrar a participação dos cientistas e dos camponeses que vivenciam a agroecologia, iniciando a jornada por Oaxaco, México, onde vivem Teresa e Eleazar Garcia. O casal pratica a “Milpa”, um dos sistemas agroecológicos que consiste em semear, ao mesmo tempo, o milho - que é a base da alimentação no país -, com outras plantas, rompendo, portanto, o sistema de monocultura estipulado pela Revolução Verde. A técnica assumida pelos Garcia é ancestral e o princípio é o de uma planta ajudar a outra a se desenvolver. A inclusão do casal Mexicano na narrativa dá-se em enquadramentos fechados e próximos, facilitando a apreensão do que narram. Assim, transitam pela diegese os membros da família que circulam nos espaços de plantação, corroborando a lógica do testemunho da experiência em que a meta da autossuficiência alimentar é atingida.

Em uma estratégia que vai seguir por todo o filme, Robin edita seu material sem indicação muito objetiva da materialidade temporal. Esta é percebida em um arco de tempo apresentado como o da duração das filmagens, ou seja, pouco menos de dois anos. A escolha justifica uma edição que quase sempre confirma suas teses ao alternar experiências agroecológicas pautadas – a maioria - em processos que se referenciam na tradição de antepassados e na voz da ciência que, por sua vez, reafirma a sabedoria deste sistema agrícola. No caso da “Milpa” mexicana, Miguel Altieri, professor de agroecologia da Universidade de Berkeley, Califórnia, é quem vai explicar que a agroecologia e a agricultura industrial são sistemas antitéticos pois enquanto esta

última é baseada no que chama “abono” químico, a primeira fabula um processo que inclui reciclagem, aumento de materiais orgânicos no solo, abundância de biodiversidade, além de integração com os animais que porventura sejam propriedade dos camponeses.

Diante de tantas vantagens, o filme se esforça em revelar, também via experiência de um agricultor, o que impede a adesão geral à agroecologia. Neste sentido, o depoimento de Dell Lesser, que explora 480 hectares em Michigan (Estados Unidos), plantando milho transgênico e soja, revela o cuidado didático de “Colheitas do Futuro”. Após confirmar que é obrigado a comprar sementes todo ano em função de proteção de patente, Lesser afirma nunca ter ouvido falar do sistema de “Milpa”, o que não o impede de reconhecer, assim que entende a proposta, que essa oferece mais biodiversidade e que deve ter menos problema com parasitas. Na sequência Eleazar Garcia volta à tela, confirmando as (boas) suspeitas do camponês de Michigan. Isto é, a edição do filme costura um “diálogo” que coloca, lado a lado, duas visões de mundo opostas quanto à agricultura. Ao mesmo tempo, desvela a paralisia que envolve Lesser: apesar de ter medo dos efeitos dos pesticidas, em especial para seus filhos pois, “talvez estes não tenham água limpa para beber”, avalia que a tecnologia tem garantido que todos sigam adiante e ele segue. Em contraponto, o camponês mexicano, que pratica agroecologia há 30 anos, afiança: “Nós somos parte da terra e vivemos da terra. É por isso que não podemos jogar nela algo que, sabemos, lhe trará dano”.

Ao assumir e reverenciar a prática dos seus ancestrais astecas como uma referência à escolha pela agroecologia, o casal Garcia aciona, mesmo sem o saber, a ideia de “reparação das injustiças passadas e a realização da utopia social” (LÖWY, 2005, p.51), argumento que se constrói a partir do que coloca Walter Benjamin (1994) em relação ao que cabe aos vencidos. O paralelo é possível porque se trata de adesão a um processo que traduz a luta consciente de uma geração contra um sistema opressor amplificado pelo Tratado de Livre Comércio da América do Norte, firmado em 1992 pelo Canadá, Estados Unidos e México, como o filme destaca. O acordo, apresentado no documentário como um laboratório da globalização no âmbito agrícola, trará profundas consequências à economia mexicana, entre elas a pauperização e consequente expulsão dos camponeses para a cidade. Um processo que também ocorreu na maior parte dos países que estão fora do espectro do mundo desenvolvido. Reverter, portanto, suas consequências, implica em revirar a história a contrapelo,

desmontando uma política discursiva que credita a sobrevivência da humanidade ao exclusivo desenvolvimento tecnológico, não importam os danos. Não bastasse, determinadas informações estão sempre ocultas ao senso comum: a contabilidade do gasto energético e as altas subvenções à agricultura industrial raramente são contabilizadas, seja em peças governamentais dos governos, seja na mídia ampla. Ao contrário, o investimento continua sendo em campanhas publicitárias como a brasileira “Agro é pop, agro é tech, agro é tudo”⁷, que faz uma fervorosa defesa do agronegócio no país.

Voltamos, deste modo, a um território de embates onde a nitidez dos imaginários deve traçar os rumos futuros. No documentário, o arrolar dos exemplos de experiências positivas da prática da agroecologia envolvem os africanos Malawi, Quênia e Senegal, além de trazer um exemplo do Japão e da Alemanha. Diversos em suas gêneses, apoios e processos, as práticas agroecológicas que integram o documentário apresentam a adesão familiar e a descoberta das trágicas consequências do uso de pesticidas como características comuns, percepção sempre adensada pela presença de cientistas cujos discursos oscilam entre o diagnóstico radical contra os princípios da Revolução Verde e propostas intermediárias que consideram, simplesmente, que o ciclo químico se esgotou e, portanto, seria hora de novas soluções. Esta segunda posição embute uma armadilha: não se discute o modelo de distribuição da terra e o que se propõe, na verdade, é uma substituição das tecnologias em função do esgotamento do solo. A suspeita é pertinente quando se confere na narrativa o envolvimento de governantes do México e do Senegal investindo em medidas que suspendem importação de produtos agrícolas que seus países produzem. No caso do país africano, a proposta é convencer os dirigentes dos nove países da região subsaariana a assumirem a mesma medida. Um movimento assim coloca em xeque, é claro, a política global impositiva, iniciada há cerca de 50 anos, envolvida na aura da benemerência do combate à fome.

Ao assumir claramente um ponto de vista a obra “As colheitas do futuro” revela muito dos desafios que envolvem uma mudança radical em relação ao modelo hegemônico adotado no cultivo agrícola. A estratégia de reunir testemunhos, afinada

⁷ Criada, em 2016, pelas gerências de Marketing e Comunicação da emissora, a campanha apresenta vídeos de 50 segundos sobre produtos do agronegócio, valorizando a importância deste setor para a economia do país, inclusive o quanto geraria de empregos. Circulou até 2018 e, recentemente, foi retomada nos canais da Rede Globo. Abordamos esta campanha em artigo publicado na E-Compós v.21, nº 2 (2018), disponível em <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1392>.

à prática jornalística de multiplicar as vozes de modo a formatar um provável painel temático, ganha fôlego pelo cuidado em apresentar as propostas recuperando um percurso histórico que, mesmo sendo limitado em função do tempo disponível para cada bloco de experiência, desvela elos que ampliam a compreensão das escolhas de cada agroagricultor. Trata-se, portanto, da construção de um discurso que não se move pelo “olhar para trás”, mas se afirma na condição presente já que esta oferece, a quem quer observar e discutir, possíveis alternativas às devastações já quase impossíveis de negar em relação aos impactos que a agricultura predatória, pautada pela monocultura e pelo intensivo do agrotóxico, reverbera, conforme o filme. A questão que ecoa dessa posição clara, no entanto, segue: tal racionalidade será suficiente para uma guinada que envolve a lógica do lucro fácil e rápido? Em tempos negacionistas científico⁸, em que os embates com a validade da ciência, haverá força política e caminhos “reformistas” que permitam o que parece ser uma mudança óbvia de rumos?

A luta pela semente: admirável mundo antigo

Mantendo o caráter didático que marca boa parte da produção documentária focada nas questões ambientais, o curta-metragem “Sementes: bem comum ou propriedade privada?”, de 39 minutos, organiza sua narrativa alternando animações pautadas pela valorização da história oral e depoimentos que recolhe em oito países da América Latina: Argentina, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Equador, Guatemala, Honduras e México. Aqui também é a lógica de um percurso que configura uma abrangência e sintonia de lutas que mobiliza a narrativa, sendo que há uma temática central, recortada, que o título evidencia: a luta pelas sementes originárias. Um embate organizado por vozes que afirmam a disposição de enfrentamento às corporações – especialmente ao monopólio instituído pela Monsanto com o aval dos governos – justificado pela confiança na qualidade da alimentação proporcionada pela variedade de sementes. O documentário foi produzido pelo Coletivo de Sementes da América Latina e a dificuldade de produção, em termos de custos, pode justificar um tratamento desequilibrado quanto às participações de cada país. Também evidencia boa parte dos

⁸ Trata-se de um movimento mundial de negação de fatos a despeito de comprovações científicas. Em artigo de 10/04/2020, José Szwako (<https://aterraeredonda.com.br/o-que-nega-o-negacionismo/>. Acesso em 28 de junho de 2020) discute o tema a partir da negação da gravidade do Covid 19, que ocorreu, de múltiplas formas, nas redes sociais do Brasil, ecoando posição do atual presidente da República brasileira, Jair Bolsonaro.

mecanismos de controle que incluem várias formas de encenações “(...) até a mais simples repetição de ações e falas deliberadamente para a câmera” (REZENDE, 2013, p. 178). Neste sentido, a Guatemala e o Equador destacam-se plástica e narrativamente, justamente porque suas participações são alargadas por breves sequências que extrapolam os depoimentos diretos para a câmera e assim dimensionam, para além da fala, as motivações contra as sementes transgênicas.

O primeiro momento do vídeo é dedicado à apresentação da importância da semente. A abordagem algo infantil, tanto pelo traço da animação quanto pela simplificação simbólica em relação ao papel da semente na vida humana, pode afugentar espectadores adultos por, talvez, identificarem que o produto audiovisual é destinado a outro público. Passada esta primeira impressão, o vínculo com o discurso anterior se estabelece em outro patamar graças às cerimônias sagradas inspiradas na tradição Maia que passam a ocupar a tela. A evocação imagética soma-se à narração de Norma Mejia, que reforça os laços com seus ancestrais, afirmando que o conhecimento dos seus avós passou de geração em geração, e agora as mulheres são as guardiãs dos grãos. A esta altura já sabemos que o teocinto é um grão sagrado, domesticado pelos Maias, e que depois, com o passar dos anos, se transformou em milho. O processo não anulou as especificidades de cada grão e assim o teocinto tornou-se vital para o cultivo do milho, sendo elevado a protetor da qualidade da produção deste que é um dos principais, se não o principal, alimento da população do país. Reconhecer estas diferenças e necessidades é assumir uma história cultural em que “A semente é como a mãe, é como a mulher que multiplica...” e, por esta condição, agradece-se a ela pela fartura que traz.

Dividido em blocos que procuram enfatizar uma questão central, o curta organiza as informações sem conseguir oferecer ganchos narrativos que possam ir além do interesse que cada abordagem provoca. Por isso, o impacto de cada bloco depende muito do que é narrado ou testemunhado. O processo de produção e edição, provavelmente bastante limitado em termos de recursos financeiros, procura construir uma continuidade a partir de elementos musicais que emulam as culturas, em procedimento que facilita a empatia e a localização dos protagonistas. Estes oferecem seus testemunhos quase sempre em planos externos que ocorrem após pausas narrativas que garantem uma primeira imersão no novo cenário provocado pelos contínuos deslocamentos. Assim, vai-se da Guatemala à Cotacachi – Imbabura, no

Equador, onde Rosa Andrango, de frente para a câmera, inicia sua fala afirmando que se considera defensora de sementes porque são elas as responsáveis pela produção o que é fundamental para as gerações. Isto é, o elo entre as temporalidades é reafirmado cabendo às mulheres, conforme outros depoimentos no Equador, a tarefa de guardarem grão por grão e assim garantirem a preservação da diversidade da semente crioula. “Meus paizinhos me ensinaram desde criança que eu tinha que guardar os grãos...”, emenda Rosa Alfusi, em enquadramento que valoriza seu rosto expressivo, emoldurado por brincos e colares que acentuam sua origem indígena.

Como uma produção que procura resgatar o papel substantivo das culturas originárias para a biodiversidade, o curta vai buscar as vozes que, quase em uníssono, vão se congregam em torno da ideia da preservação da semente. Sob este horizonte, o esforço é construir uma harmonia que confirme a disposição à luta contra um inimigo que vai ganhando contornos mais nítidos à medida que a narrativa avança. Tal clareza e detalhamento se articula via as animações que incorporam, além dos registros gráficos, um narrador que se debruça sobre o percurso histórico, político e econômico que configurou a imposição das sementes patenteadas. No outro eixo narrativo estão os testemunhos da resistência. Estes são norteados pelas lutas e conquistas que amealham nesta jornada pela manutenção da rica biodiversidade das sementes que foram desqualificadas pelas corporações. Tal processo empreendido pelas empresas, segundo o curta, significou a perda de três quartos de uma diversidade que demorou cerca de 10 mil anos para ser gerada. Também implicou e implica na luta contra as leis e os tratados que ocorrem, separadamente, em cada país: desde 1999 na Costa Rica, e a partir daí, em períodos diferentes, nos outros sete países que participam do filme.

No Brasil, há um duplo testemunho de Priscila Facina Monnerat, do Movimento dos Sem Terra (MST), quanto aos governos Lula e Dilma⁹. Em um, ela valoriza os programas criados nestes períodos que estimularam a produção agroecológica e a agricultura familiar, isto é, políticas públicas que incorporaram reivindicações dos movimentos sociais. No entanto, o curta também registra que desde 2003 o país viabilizou o aparato legal do controle de semente. Neste caso, o máximo que se conseguiu foi permitir exceções dentro desta mesma lei. Entre elas, que assentados, povos tradicionais e indígenas poderiam lidar, livremente, inclusive comercializar,

⁹ Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), foi presidente do Brasil de 2003 a 2010 enquanto Dilma Rousseff, também do PT, governou de 2011 a 2016, quando sofreu *impeachment*.

suas sementes. Considerando a estratégia política bastante pragmática do governo Lula, a situação não surpreende, já que a venda de *commodities agrícolas*, produção garantida, em grande parte, pelo agronegócio, foi responsável pelo crescimento econômico do país - muito acima da média, registre-se - que vigorou nos seus dois governos. Já nos outros países a resistência ao aparato legal ganha vulto no curta, especialmente na situação vivenciada na Guatemala, país que implantou a “Lei Monsanto” (como ficou conhecida) em 10 de junho de 2014, o que gerou um amplo e potente protesto da população. Graças a este movimento houve a revogação, em 4 de setembro de 2014, desta iniciativa legal. O vídeo incorpora estas imagens da resistência cujos *slogans* principais eram “Não ao milho transgênico” e “Não à lei de biossegurança”.

Honduras e Colômbia, no entanto, não conseguiram reverter a atuação da Convenção pela Proteção das Novas Variedades de Plantas, a UPOV 91. Os dois países, desde 2012, passaram a perseguir e criminalizar os camponeses que não se submetiam às regras do controle de semente. Na Colômbia, a situação foi agravada pela resolução 970, do Instituto Colombiano Agropecuário (ICA), ao qual os camponeses reagiram, em 2014, promovendo greve. O governo, frente à paralisação, soltou um novo decreto, o 3168, que normatizava de forma ainda mais rígida o controle promovido pelo ICA. Trata-se de uma luta desigual, aponta o hondurenho Octávio Sánchez no curta, pois enquanto um modelo recebe todos os recursos e as bênçãos da política do Estado, a agricultura camponesa e indígena, que tem seu foco na Soberania Alimentar, é combatida. Inclusive por uma propaganda massiva contrária à preservação da diversidade e da memória dos povos originários.

Evidenciar estas relações no curta, implicou em estender o tempo dos testemunhos das comunidades tradicionais que têm conseguido preservar o patrimônio cultural e agrícola das sementes crioulas. Uma das sequências mais emblemáticas destas pequenas vitórias da resistência está na que foca a Associação Cachu Aloon, na Guatemala, formada por um grupo de mulheres guardiãs: coletando as sementes nos bosques e nos espaços cultivados, elas já têm hoje cerca de 150 variedades, guardadas em potes de barro trabalhados artisticamente, o que cria um dos mais bonitos e potentes enquadramentos do curta. Mas nem todos os camponeses concordam com esta luta, o que coloca um esforço contínuo, corpo a corpo, para ampliar o movimento. Na província de Cartago, na Costa Rica, outra vitória: o governo local declarou o território

livre de sementes transgênicas. Foi seguido por mais localidades até se chegar a 92% do território do país com a mesma posição. Entretanto, o governo central não respeitou as decisões que envolveram a mobilização de cerca de 30 organizações. A força da união não foi suficiente para soterrar os acordos transnacionais que envolvem a imposição do uso exclusivo das sementes patenteadas.

Apesar da evidente, como já colocamos, simplicidade da produção, o curta oferece uma narrativa que foca um tema provavelmente muito distante da maior parte da população que vive nos centros urbanos. Enfrenta, sob esta perspectiva, a possibilidade da indiferença, se observado isoladamente. Talvez, provoque empatia naqueles que se situam entre os que condenam, com veemência, o genocídio indígena na América Latina pois ao valorizar o universo simbólico das comunidades focadas, o curta situa seus protagonistas no território dos vencidos, justamente aqueles que a história hegemônica tem procurado manter na invisibilidade. “Não podemos perder as cores do nosso milho porque são as cores do nosso corpo”, diz Ejido San Sebastian, à câmera que o flagrou em Chiapas, território mexicano. Para ele e sua comunidade, as pessoas têm origem nos milhos, por isso alguns que saíram do milho de cor preta, são pretos, enquanto as pessoas brancas vêm dos milhos brancos. Essa íntima relação com a natureza define um sistema de vida e, por isso mesmo, não se trata, apenas, de mudar o modo de produção que permita a sobrevivência da biodiversidade. A questão que o curta traz, em última análise, é justamente a percepção de um jogo econômico e político que tem garantido um controle sem limites do que é básico à sobrevivência humana: sua alimentação.

Considerações Finais

Ao destacarmos de uma produção ampla dois documentários, pretendíamos demarcar e, assim, trazer ao debate, algumas das principais questões que envolvem a agroecologia, conforme cineastas e agricultores a reconhecem. Vale lembrar que o primeiro afirma-se em uma abordagem que enfatiza a relação com a ciência ressaltando suas fraturas e discordâncias internas, enquanto o segundo, de narrativa mais curta e bastante simples em termos de produção, traz como principal argumento a necessidade de se voltar às origens, de se recuperar o vigor ou, talvez, uma relação agora utópica para a maior parte da população, da relação primeira do homem com a terra. Neste sentido, evoca uma significativa transcendência ou reverência ao sagrado, sentimento que se perde

na distância promovida pela vida longe do contato ou integração com o mundo natural. Há, portanto, na escolha destes documentários, uma posição deliberada no sentido de, ao discuti-los, destacar entre as problematizações apontadas, os valores que estes carregam quanto à relação do homem com a natureza. Também vale ressaltar uma diferença que a pontuação no título de cada um expressa: no documentário de Robin, uma exclamação enfatiza a possibilidade um, talvez, “admirável mundo novo” enquanto o segundo, resultado de articulações coletivas, a interrogação explicita o chamamento à militância.

O quadro, que pode reforçar um aspecto dual, embute nosso propósito de ousar afirmar que a procura pelo equilíbrio de protagonismos políticos como faz “As colheitas do futuro!”, desvia-nos dos embates que o reconhecimento das culturas ancestrais, por exemplo, traz, a despeito do filme incorporar esta abordagem. A questão, para nós, é que a posição de “igualdade” ou equivalência que a obra, em tese, oferece, acaba provocando um efeito contrário ao que poderia ser sua pretensão. Isto é, além de não focar as tensões que envolvem a manutenção das práticas tradicionais, a valorização do discurso científico como voz que é necessária para se corroborar a validade das diversas práticas agroecológicas que apresenta, ressalta como principal chave argumentativa para a necessidade de mudança, o esgotamento do projeto hegemônico, sem revelá-lo em suas contradições históricas de promotor das desigualdades sociais em todo o mundo. Em outras palavras, sem questionar os sistemas que constituíram tal proposta hegemônica pautada pela lógica estrutural do capitalismo, isto é, o lucro econômico. Neste sentido, lembra muito o que coloca Michael Löwy (2014, p.43): “A ausência de uma postura anticapitalista coerente levou a maior parte dos partidos verdes europeus – na França, Alemanha, Itália, Bélgica – a tornar-se simples partidários ‘ecorreformistas’ da gestão social-liberal do capitalismo pelos governos de centro-esquerda”. Concordando com o autor, para nós, sem este enfrentamento, o que há no horizonte deste documentário são as iniciativas governamentais, tais como as promovidas pelo “Embrapa Agroecologia”¹⁰, que sempre são dependentes dos governos de plantão, entre outras questões.

Já o curta produzido pelo Coletivo de Sementes da América Latina, projeto realizado com participações desiguais mas que, ao construir uma narrativa que expande o território da resistência ao mesmo tempo que alinhava os enfrentamentos advindos da ocupação deste lugar, imiscui-se no grupo de produções audiovisuais que se esforçam em

¹⁰ Disponível em <https://www.embrapa.br/contando-ciencia/agroecologia> (acesso em 17 de abril de 2020).

fissurar um imaginário cristalizado em torno do que seria a “incompetência” do conhecimento tradicional sobre agricultura, frente o desenvolvimento tecnológico. Isto é, entre tantos protagonismos que apresenta, destaca o papel das mulheres indígenas no processo de guardiãs das sementes, postura que se desdobra em defesa do território, da vida, da cultura e autonomia dos povos. Há, ainda, outros movimentos no curta que merecem ser destacados, a despeito de serem projetados em cenas breves que mais sugerem, do que realizam o que esboçam. Por exemplo, a evidente comunhão e afinidade das mulheres, além da solidariedade que pautam as relações e o esforço em encontrar caminhos que permitam a percepção da importância da luta para quebrar as lógicas de troca vigentes no sistema agrícola hegemônico. Isto é, quando substituem o processo de compra e venda de sementes, por troca ou empréstimo e, portanto, com abertura à devolução após o uso. Fissuram, assim, a lógica do lucro, básica para o sistema do capital. E fissuram demarcando, em especial, as resistências, as lutas, os embates dos quais não se pode desviar.

Estas e outras situações de militância que o curta traz, às vezes em sequências simbólicas e afirmações da cultura e identidade dos seus protagonistas, confirma um dos maiores desafios que rondam a agroecologia: sua capacidade de manter, em um mesmo espaço geográfico, modos de vida diferenciados, que esbarram na disputa pela ocupação do solo. Não à toa, diversos confrontos que se espalham pela América Latina – apenas para ficarmos no território onde estamos – só teriam chances de não ocorrerem mais, caso houvesse, de fato, a profunda mudança cultural que sugere o curta que citamos no início do texto. Objetivamente, uma versão, por mais otimista que possa ser, localizaria tal processo em um horizonte de longo prazo, que se apresentaria em idas e vindas, com conquistas e recuos. Afinal, observando a consolidação da modernidade no século XX é impossível não lembrar, com Löwy (2005, p. 25), que “(...) Benjamin foi o único entre os pensadores e dirigentes marxistas daqueles anos, que teve a premonição dos monstruosos desastres que a civilização industrial/burguesa em crise poderia estar gerando”. O que foi premonitório em Benjamin é hoje, conforme tantos testemunhos que destacamos aqui, uma realidade que não é tão simples de perceber ou, melhor, de reverter. A expectativa é que a somatória das produções que têm retirado da invisibilidade tantos projetos que expõem novas relações com a agricultura, pautadas nos princípios ecológicos, possam ser também caminhos que se somem a outros para que se rompa a fragmentação e a porosidade de uma questão urgente, que tantos ainda teimam em ignorar.

Referências Bibliográficas:

ANDRADES, Thiago Oliveira; GANIMI, Rosângela Nasser. Revolução verde e apropriação capitalista. **CES Revista**. V. 21, p 43-56. Juiz de Fora/MG. Disponível em https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/revolucao_verde.pdf

BOMFIGLIOLI, Cristina Pontes. Discurso, imagem e cultura: a representação do protocolo de Kyoto. **Estudos em Jornalismo e Mídia** – v. III, n.2, 2º semestre de 2006, p. 69-80. Florianópolis/SC: Editora Insular.

BRANDERBURY, Alfio. Movimento agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n.6, jul/dez 2002, p 11-28. Editora UFPR.

BRANIGAN, Edward. O plano-ponto-de-vista. In PESSOA, Fernão (Org). **Teoria Contemporânea do Cinema** – Documentário e narratividade ficcional. Vol. II. São Paulo: Senac, 2005. P251-275.

MEDEIROS, Leonilde Sérvolo. In PERRUSO, Marco Antonio; ARAÚJO, Mônica da Silva (Orgs). *Ciência e Política*. Rio de Janeiro: Mauad, 2015.

FREIRE, Marcius. **Documentário – Ética, Estética e Formas de Representação**. São Paulo: Annablume, 2011.

Löwy, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____ **O que é o Ecosocialismo?** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

REZENDE, Luiz Augusto. **Microfísica do Documentário** – Ensaio sobre criação e ontologia do documentário. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

ROSA, Antônio Vitor. **Agricultura e meio ambiente**. São Paulo: Atual, 1998.

Filmografia:

AS COLHEITAS DO FUTURO! (Les Moissons du Futur). França, 2012. Direção de Marie Monique Robin. 52 min.

O QUE É AGROECOLOGIA? Brasil, 2019. Direção de Rafael Forsetto e Kiane Assis. 3 min.

SEMILLAS – BIEN COMÚN O PROPIEDAD CORPORATIVA?. (Sementes: bem comum ou propriedade privada?). Argentina, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Equador, Guatemala, Honduras e México, 2017. Produção do Coletivo de Sementes da América Latina. 39 min.